

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
FACULDADE DE ECONOMIA, ADMINISTRAÇÃO, ATUARIAIS E CONTABILIDADE
CURSO DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS

ANÁLISE COMPARATIVA DA EVOLUÇÃO
DA INDÚSTRIA BRASILEIRA e CEARENSE
DURANTE O PERÍODO 1970/94

Jamilyss Gossion Viana
ORIENTADOR: *Antônio Lisboa Teles da Rosa*

FORTALEZA, 1995

Monografia Submetida à Coordenação do Curso de Graduação em Economia, como Requisito Parcial para Obtenção do Título de Bacharel em Ciências Econômicas.

Monografia Aprovada Em 18/12 / 95

BANCA EXAMINADORA:

Antônio Lisboa Teles da Rosa
(Orientador)

Joana D'arc de Oliveira

Maria Goretti Serpa Braga

Para

*Meus queridos pais,
Honório e Tony*

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus e a todos que direta e indiretamente contribuíram para a realização deste trabalho, dando-me assim imensa satisfação. Agradeço em especial:

Aos meus pais, pelo apoio e incentivo.

Ao professor Lisboa pela sua disposição e paciência ao me orientar neste trabalho.

As professoras da banca examinadora, Joana e Goretti, pelas críticas e sugestões feitas a este trabalho.

LISTA DE TABELAS

TABELA 1- Indústria de Transformação do Brasil 1970-85. (%).....	15
TABELA 2- Indústria de Transformação do Brasil 1970-85. Indicador de Produtividade e Salários.....	18
TABELA 3- Indústria de Transformação do Ceará 1970-85. (%).....	20
TABELA 4- Indústria de Transformação do Ceará 1970-85. Indicadores de Produtividade e Salários.....	22
TABELA 5- Indústria de Transformação do Brasil 1992-94. Índice de Base Fixa Jun/92 = 100.....	32
TABELA 6- Indústria de Transformação do Brasil 1992-94. Índice de Produtividade, Salário e Jornada de Trabalho.....	34
TABELA 7- Indústria de Transformação do Ceará 1992-94. Índice de Base Fixa JAN/92 = 100.....	35
TABELA 8- Indústria de Transformação do Ceará 1992-94. Índice de Produtividade, Salário e Jornada de Trabalho.....	37
TABELA 9- Indústria Metalúrgica - Indicadores Industriais, Brasil e Ceará 1993/94.....	39
TABELA 10- Indústria Metalúrgica - Brasil e Ceará 1993/94. Indicadores de Produtividade, Salário e Jornada de Trabalho.....	41
TABELA 11- Indicadores Industriais, Brasil e Ceará 1993/94. Indústria Química.....	43
TABELA 12- Indústria Química - Brasil e Ceará 1993/94. Indicadores de Produtividade, Salário e Jornada de Trabalho.....	45
TABELA 13- Indicadores Industriais - Brasil e Ceará - 1993/94. Indústria Têxtil.....	47
TABELA 14- Indústria Têxtil - Brasil e Ceará - 1993/94. Indicadores de Produtividade, Salário e Jornada de Trabalho.....	48
TABELA 15- Indicadores Industriais - Brasil e Ceará - 1993/94. Indústria de Vestuário, Calçados e Artigos de Tecidos.....	50
TABELA 16- Indústria de Vestuário, Calçados e Artigos de Tecidos - Brasil e Ceará - 1993/94. Indicadores de Produtividade, Salário e Jornada de Trabalho.....	51
TABELA 17- Indicadores Industriais - Brasil e Ceará - 1993/94. Indústria de Produtos Alimentares.....	53
TABELA 18- Indústria de Produtos Alimentares - Brasil e Ceará - 1993/94. Indicadores de Produtividade, Salário e Jornada de Trabalho.....	54

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	3
CAPÍTULO 1	5
1. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES	5
2. EVOLUÇÃO DA INDÚSTRIA BRASILEIRA NO PERÍODO DE 70 - 85	8
3. EVOLUÇÃO DA INDÚSTRIA CEARENSE NO PERÍODO DE 70 - 85	14
CAPÍTULO 2	20
1. ASPECTOS METODOLÓGICOS	20
2. ANÁLISE DO TOTAL DA INDÚSTRIA	26
3. ANÁLISE SETORIAL	33
3.1. INDÚSTRIA METALÚRGICA	33
3.2. INDÚSTRIA QUÍMICA	37
3.3. INDÚSTRIA TÊXTIL	40
3.4. INDÚSTRIA DE VESTUÁRIO, CALÇADOS E ARTEFATOS DE TECIDOS	44
3.5. INDÚSTRIA DE PRODUTOS ALIMENTARES	47
CONSIDERAÇÕES FINAIS	50
BIBLIOGRAFIA CONSULTADA.....	52

RESUMO

Esta monografia analisa o comportamento da indústria de transformação brasileira e cearense comparativamente no período de 1970-94. A análise da indústria é feita através de variáveis - tais como: valor da produção, número de empregados e salários - e de indicadores de produtividade, salário médio e jornada de trabalho.

INTRODUÇÃO

O Processo de Substituição de Importações (PSI) caracterizou a industrialização brasileira desde os anos 30. As principais características deste processo - elevada proteção à indústria doméstica contra a concorrência estrangeira e a participação direta do Estado no suprimento da infraestrutura básica e no desenvolvimento de alguns setores considerados prioritários - contribuíram para que ocorressem desequilíbrios entre os setores de bens de consumo duráveis e não duráveis e os setores de bens de produção principalmente os de bens de capital. Tais desequilíbrios acabaram por gerar baixos níveis de eficiência produtiva e indústria altamente concentrada (MOTA, 1994:49-50).

No final da década de 70 dá-se o esgotamento deste processo, que juntamente com as políticas econômicas de estabilização adotadas durante a década seguinte, geraram uma crise estrutural na economia brasileira.

Dentro desse contexto, esta monografia objetiva avaliar o comportamento da indústria de transformação brasileira e cearense durante o período 1970-94. Para isso, o trabalho está estruturado em dois capítulos.

No primeiro capítulo, (para melhor situar a questão em análise) faremos uma observação na situação econômica brasileira a partir do milagre econômico (1968/73). Feito isto traçaremos uma análise da indústria brasileira e cearense ressaltando a caracterização geral e o desempenho

destas no período 1970-85. Nossa aspiração mais evidente neste sentido é destacar como se comportou a indústria em termos de produção, emprego e salários no contexto da crise estagflacionária vivida pela economia brasileira e assim podermos analisar o comportamento destas variáveis num período recente.

No segundo capítulo trabalharemos algumas estatísticas relativas ao período 1992/94. Neste capítulo nossa análise será centrada no comportamento das variáveis e dos indicadores de produtividade, salários e jornada de trabalho, para assim obtermos uma visão clara de como a indústria se ajusta num curto prazo para sobreviver à crises recessivas.

CAPÍTULO 1

Análise Comparativa da Indústria Brasileira e Cearense no Período de 70 - 85.

1. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES¹

No fim da década de 60 e início de 70 a economia brasileira é caracterizada por taxas de crescimento bastante elevadas e taxa de inflação decrescente e controlada, marcando assim o chamado "milagre" econômico brasileiro². Durante o período do "milagre" (1968/1973) houve uma grande expansão da indústria manufatureira, tendo seu produto anual crescido a uma taxa de 12,7%. Os setores que mais se destacaram foram o de bens de consumo duráveis e o de bens de capital, sendo o crescimento anual da produção de bens de capital (18,1%) inferior ao do setor de bens de consumo duráveis (23,6%). Esse desempenho industrial foi favorecido também pela acentuada abertura para o exterior, devido ao crescimento das exportações e ao financiamento externo, pela instalação de empresas multinacionais e pela ordem militar que garantia toda a lógica interna do crescimento.

Neste período expansivo o PIB apresentou taxas de crescimento de 11,2% ao ano (1967/1973) em contrapartida ao período recessivo de 1962/1967 que o PIB cresceu em apenas 3,2% ao ano e no auge da expansão da economia que foi durante 1970 à 1973 o PIB cresceu a uma taxa de 12,4% ao ano. Mas vale ressaltar que neste período expansivo, o

¹ Os dados utilizados nesta seção foram extraídos de: SERRA, José (1982).

² Para maiores detalhes sobre o "milagre" econômico brasileiro, ver: CORRÊA DO LAGO, Luiz A. (1992)

crescimento econômico ocorreu ao lado de alguns desequilíbrios, como: desproporções entre os setores da economia e até dentro dos próprios setores; na indústria, por exemplo, a produção de bens de capital não acompanhou o elevado ritmo de crescimento dos bens de consumo duráveis e não-duráveis, o que exigiu o aumento das importações de bens intermediários e de capital, bem superior que à produção nacional destes bens.

As desproporções do crescimento industrial provocaram novas tensões inflacionárias e déficits na balança de pagamentos o que levou a economia a uma crise recessiva, já clara na segunda metade da década de 70. Em 1973 a inflação mundial exerce forte pressão sobre a economia do Brasil e a partir de 1974 o ritmo de crescimento da economia passa a decrescer, tendo o PIB reduzido de 14% em 1973 para 9,8% em 1974 e 5,6% em 1975 e a taxa de valor do produto industrial reduzido de 15,8% em 1973 para 8,4% em 1974 e 4,5% em 1975.

Dada esta desaceleração na economia brasileira, o Estado, a partir de 1974, promove o II Plano Nacional de Desenvolvimento (II PND) no intuito de assegurar o crescimento econômico e reter o processo de desaceleração iniciado após o milagre. O II PND³ continha metas bastante ambiciosas, algumas delas eram: substituição de importações no setor de bens de capital, insumos básicos e energia elétrica (especialmente na área de petróleo) e desenvolvimento da infra-estrutura em transportes, comunicações e outros setores. Essas metas eram impossíveis de serem realizadas na sua íntegra, visto que, este Plano adotou políticas econômicas voltadas para os condicionamentos internos, esquecendo a crise econômica

³ Para maiores detalhes sobre o II PND, suas metas e conseqüências, ver: CARNEIRO, Dionílio D. (1992) e SERRA, José (1982).

vivida internacionalmente (choque do petróleo, altas taxas de juros, etc.) e seus impactos sobre a economia brasileira. Mas, de acordo com SERRA (1982:105) este Plano obteve êxito na substituição de importações de produtos intermediários e um resultado positivo no impulso à indústria doméstica de bens de capital.

Contudo, o II PND que tentou manter o modelo de substituição de importações (adotado no pós-guerra), apenas retardou o esgotamento deste modelo e apesar de todo o esforço do governo, o período de 1973/79 é marcado por altas taxas de inflação e a política antiinflacionária adotada contribuiu para desacelerar o crescimento do PIB e assim agravar as desproporções na produção setorial - como por exemplo, baixo desempenho da produção de alimentos básicos e maior impulso aos investimentos no setor de bens de capital - e regional causando inúmeros pontos de estrangulamento na economia.

Quanto as desproporções regionais podemos ressaltar que a industrialização brasileira deu-se de forma concentrada na região Sudeste, especificamente São Paulo e que somente a partir dos anos 60 é que a região Nordeste recebe incentivos do Estado para desenvolver sua indústria, mas esta industrialização ocorre de forma complementar e dependente da região Sudeste⁴.

Na década de 80 a economia brasileira apresenta forte desequilíbrio estrutural com relação ao setor externo, alta taxa de inflação, redução do PIB (SERRA, 1982:118). Esta década sofre uma prolongada estagnação e o setor industrial

⁴ A industrialização da região Nordeste, a partir dos anos 60, é decorrente do mecanismo de incentivos fiscais e financeiros alocados na região, de acordo com os estudos da Superintendência para o Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE). Para uma análise mais apurada sobre a industrialização nordestina e suas características de dependência e complementaridade, ver: BARCELAR, Tânia (1984).

é o mais penalizado. Diante da situação recessiva que agora se apresenta iremos observar os dados da indústria de transformação brasileira e cearense e analisarmos o desempenho destas no período 1970/85.

2. EVOLUÇÃO DA INDÚSTRIA BRASILEIRA NO PERÍODO DE 70 - 85

Considerando a evolução da economia brasileira analisaremos o comportamento da indústria de transformação brasileira e cearense durante o período 1970-85, através de dados do Censo Industrial. De acordo com a Tabela 1, observamos que a indústria de transformação do Brasil está concentrada em alguns setores, tais como metalúrgica, material de transporte, química, têxtil e produtos alimentares; estes gêneros representavam 61,04% do valor da produção em 1970 e 63,78% em 1985. Os setores de menor participação são: borracha, perfumaria, sabões e velas, produtos de materiais plásticos; couros, peles e produtos similares; fumo e diversos; estes representavam apenas 7,95% do valor da produção em 1970 e 7,39% em 1985. Observamos também que a indústria brasileira orienta-se para os setores dinâmicos, pois durante o período em análise estes setores tenderam a aumentar sua produção, enquanto os setores tradicionais tiveram sua produção reduzida.

O comportamento geral da indústria não é tão homogêneo, pois percebemos que os gêneros industriais apresentam ajustes diferentes no interior da indústria. Os gêneros de bens intermediários e de capital e consumo

duráveis, tais como metalúrgica, mecânica e química apresentam melhoras no valor da produção durante o período 1970-80, enquanto de 1980 para 1985 somente o gênero químico apresentou aumentos no valor da produção, mas este foi bem inferior ao período anterior (1970-80). Para os dois primeiros gêneros há aumentos no número de pessoal ocupado e nos salários totais de 1970 para 1980 e redução nestes mesmos indicadores de 1980 para 1985, já para o gênero químico ocorre o inverso, ou seja, de 1970 para 1980 há decréscimos no pessoal ocupado e nos salários totais e de 1980 para 1985 há um acréscimo nestes indicadores. Constatamos que no gênero químico enquanto ocorre decréscimo no pessoal ocupado (0,64%) e nos salários totais (1,21%), o valor da produção cresce 8,38% (1970-80) e quando o pessoal ocupado (1,91%) e os salários totais (4,24%) apresentam melhoras, o valor da produção cresce apenas de 1,53% (1980-85). O bom desempenho do gênero químico no período de 1980-85, segundo a Análise dos Resultados do Censo Industrial (1985-28), deve-se aos investimentos analisados ao longo dos anos 70 e início dos 80, cuja ampliação e instalação dos polos petroquímicos, dando ênfase à substituição de importações, ampliaram a capacidade produtiva de vários produtos químicos derivados do petróleo.

Os gêneros de bens de consumo não-duráveis, como têxtil, vestuário, calçados e artefatos de tecidos e produtos alimentares apresentam desempenhos não muito satisfatórios, pois, os gêneros têxtil e produtos alimentares reduzem sua produção juntamente com decréscimos do pessoal ocupado e do salário total e o gênero vestuário apresenta um aumento quase insignificante no valor da produção e no salário total, apenas o pessoal ocupado apresenta um acréscimo significativo, passando de 6,24% em 1970 para 9,35% em 1980 e 11,91% em 1985.

TABELA 1
Indústria de Transformação do Brasil 1970-85
(8)

GÊNEROS	Pessoal Ocupado Total			Salários			Valor da Produção		
	1970	1980	1985	1970	1980	1985	1970	1980	1985
TRADICIONAIS	52,38	47,10	47,92	40,90	33,21	31,95	44,54	33,60	33,93
Madeira	5,16	5,35	3,96	2,88	2,78	1,92	2,29	2,03	1,24
Mobiliário	4,00	3,55	3,39	2,79	2,23	1,82	1,78	1,47	1,20
Couros, Peles e Prod. Similares	1,00	0,86	0,98	0,72	0,61	0,60	0,66	0,49	0,61
Têxtil	13,01	7,68	6,39	10,71	7,36	4,79	9,29	6,42	5,73
Vestuário, Calçados e Art. de Tec.	6,24	9,35	11,91	4,03	5,29	5,91	3,38	4,13	4,40
Produtos Alimentares	14,14	13,65	13,32	9,33	8,26	9,11	20,19	14,38	15,96
Bebidas	2,22	1,19	1,40	2,26	1,10	1,34	1,88	1,05	1,06
Fumo	0,55	0,37	0,51	0,70	0,43	0,77	0,96	0,55	0,59
Editorial e Gráficas	3,69	2,89	2,99	5,14	3,31	3,01	2,52	1,61	1,34
Diversos	2,37	2,21	3,07	2,34	1,84	2,68	1,59	1,47	1,80
DINÂMICAS	47,62	52,90	52,08	59,10	66,79	68,05	55,46	66,40	66,07
Minerais Não-Metálicos	8,98	8,89	6,65	6,04	5,65	4,37	4,17	4,20	3,07
Metalurgia	10,13	11,12	10,27	11,74	13,79	12,03	12,47	14,19	13,94
Mecânica	6,85	11,94	10,04	10,07	19,32	14,71	5,70	7,59	6,81
Material Elétrico e de Comunicação	4,38	4,95	5,74	5,98	6,20	7,95	4,71	5,19	5,76
Material de Transporte	6,01	5,72	6,21	9,55	8,62	9,61	8,20	7,84	7,35
Papel e Papelão	2,54	2,18	2,42	2,85	2,45	2,92	2,44	2,69	2,79
Borracha	1,25	1,15	1,30	1,49	1,38	1,78	1,70	1,50	1,65
Química	3,96	3,32	5,23	7,00	5,79	10,03	10,89	19,27	20,80
Prod. Farmacêuticos e Veterinários	1,17	0,69	0,89	1,95	0,92	1,55	2,14	1,10	1,16
Perfumaria, Sabões e Velas	0,73	0,52	0,67	0,82	0,51	0,84	1,39	0,81	0,83
Prod. de Mat. Plástica	1,62	2,42	2,66	1,61	2,16	2,26	1,65	2,02	1,91
TRADICIONAIS + DINÂMICAS	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00

Fonte: FIBGE - Censo Industrial de 1970, 1980 e 1985.

Pudemos observar que os gêneros dinâmicos, foram os que apresentaram melhores desempenhos, isto em parte influenciados pelos países desenvolvidos, que nesse período passam por grandes mudanças na forma de organização do trabalho, dado que, a partir de 1970 há sinais de esgotamento do modelo de produção fordista⁵ (produção em

⁵ Para maiores detalhes sobre o modelo de produção fordista, ver: WOOD, Thomaz Jr. (1992).

provocam reduções (aumentos) no pessoal ocupado e nos salários totais.

Tomando-se a Tabela 2, observamos que os gêneros tradicionais tiveram a produtividade relativa do trabalho reduzida no período em análise, ou seja, a produtividade destes gêneros cresceram menos do que a da indústria como um todo. O salário médio relativo também reduziu durante o período, o que indica que a renda do trabalhador no setor cresceu menos do que a média da indústria; mas mesmo com reduções relativas de produtividade e salário observamos que durante 1970 a 1980 houve um aumento relativo da parcela salarial, ou seja, para cada setor isoladamente houve uma redução da parcela salarial, mas para os gêneros tradicionais a redução foi menor do que o ocorrido no total da indústria.

Dos gêneros tradicionais os que apresentam maiores índices relativos de produtividade são de produtos alimentares e fumo, já os que apresentam maiores índices relativos de salário médio são os de bebidas, fumo e editorial e gráfico. Como vimos o gênero de produtos alimentares é o que apresenta produtividade mais próxima da média da indústria, mas é também o que mais se distancia da participação dos lucros no total da indústria, ou seja, este gênero repassa a menor parte dos lucros para os trabalhadores, ficando a maior parte para a produção da indústria.

Os gêneros dinâmicos comportam-se diferentemente dos tradicionais, pois, como podemos observar, estes gêneros apresentam aumentos de produtividade relativa e salário médio relativo durante o período em análise e os salários reduzem sua participação nos lucros, dado que, o aumento de produtividade é superior ao do salário médio. Isto vem

reforçar o que foi dito anteriormente, que estes gêneros melhor adotam novas tecnologias e são mais intensivos em capital, melhorando assim seus níveis de produtividade.

TABELA 2

Indústria de Transformação do Brasil 1970-85
Indicadores de Produtividade e Salários

GÊNEROS	P. T ⁽¹⁾			S. M ⁽²⁾			P. S. P ⁽³⁾		
	1970	1980	1985	1970	1980	1985	1970	1980	1985
TRADICIONAIS	85,03	71,34	70,81	78,08	70,51	66,67	91,83	98,84	94,16
Madeira	44,38	37,94	31,31	55,81	51,96	48,48	125,76	136,95	154,84
Mobiliário	44,50	41,41	35,40	69,79	62,82	53,69	156,74	151,70	151,67
Couros, Peles e Prod. Similares	66,00	56,98	62,24	72,00	70,93	61,22	109,09	124,49	98,36
Têxtil	71,41	83,59	89,67	82,32	95,83	74,96	115,29	114,64	83,60
Vestuário, Calçados e Art. de Tec.	54,17	44,17	36,94	64,58	56,58	49,62	119,23	128,04	134,32
Produtos Alimentares	142,79	105,35	119,82	65,98	60,51	68,39	46,21	57,44	57,08
Bebidas	84,68	88,24	75,71	101,80	92,44	95,71	120,21	104,76	126,42
Fumo	174,55	148,65	115,69	127,27	116,22	150,98	72,92	78,18	130,51
Editorial e Gráficas	68,29	55,71	44,82	139,30	114,53	100,67	203,97	205,59	224,63
Diversos	67,09	66,52	58,63	98,73	83,26	87,30	147,17	125,17	148,89
DINÂMICAS	116,46	125,52	126,86	124,11	126,26	130,66	106,56	100,59	103,00
Minerais Não-Metálicos	46,44	47,24	46,17	67,26	63,55	65,71	144,84	134,52	142,35
Metalurgia	123,10	190,22	135,74	115,89	136,26	117,14	94,15	97,18	86,30
Mecânica	83,21	63,57	67,83	147,01	161,81	146,51	176,67	254,55	216,01
Material Elétrico e de Comunicação	107,53	104,85	100,35	136,53	125,25	138,50	126,96	119,46	138,02
Material de Transporte	136,44	137,06	118,36	158,90	150,70	154,75	116,46	109,95	130,75
Papel e Papelão	96,06	123,39	115,29	112,20	112,39	120,66	116,80	91,08	104,66
Borracha	136,00	130,43	126,92	119,20	120,00	136,92	87,65	92,00	107,88
Química	275,00	580,42	397,71	176,77	174,40	191,78	64,28	30,05	48,22
Prod. Farmacêuticos e Veterinários	182,91	159,42	130,34	166,67	133,33	174,16	91,12	83,64	133,62
Perfumaria, Sabões e Velas	190,41	155,77	123,88	112,83	98,08	125,37	58,99	62,96	101,20
Prod. de Mat. Plástica	101,85	83,47	71,80	99,38	89,26	84,96	97,58	106,93	118,32

Fonte: FIBGE - Censo Industrial de 1970, 1980 e 1985.

(1) Produtividade relativa do trabalho = (Valor da produção do gênero i / Pessoal ocupado do gênero i) X (Pessoal ocupado do total da indústria / Valor da produção do total da indústria).

(2) Salário médio relativo = (Salários do gênero i / Pessoal ocupado do gênero i) X (Pessoal ocupado do total da indústria / Salários do total da indústria).

(3) Parcela salarial relativa = (Salários do gênero i / Valor da produção do gênero i) X (Valor da produção do total da indústria / salários do total da indústria)

Dos gêneros dinâmicos os que apresentam maiores índices relativos de produtividade e salário médio são de material de transporte e químico. O gênero químico apesar

de todo este desempenho é o que possui a menor participação dos salários nos lucros, isto porque este gênero é o que menos empregou mão-de-obra e o que mais produziu durante o período 1970-85, além de adotar tecnologia mais propícia à obtenção de ganhos de produtividade, sem o proporcional repasse para os salários, do que os demais gêneros.

3. EVOLUÇÃO DA INDÚSTRIA CEARENSE NO PERÍODO DE 70 - 85

Assim como a indústria brasileira vem sofrendo desaceleração e declínio e como a indústria cearense está subordinada a esta, passaremos nossa análise para a indústria de transformação cearense no período 1970-85, para melhor verificarmos como esta se comporta diante de tal quadro recessivo.

Tomando a Tabela 3, observamos que a indústria cearense é menos diversificada que a brasileira, pois sua produção estava concentrada 86,04% em 1970 nos setores metalúrgica, química, têxtil, vestuário, calçados e art. de tecidos e produtos alimentares. Sendo que 61,52% estava nos setores tradicionais, isto porque este período esteve fortemente marcado pelos incentivos fiscais do Estado e o Ceará foi assistido por empresários locais e estes direcionaram seus investimentos para os setores tradicionais⁷.

⁷ De acordo com os dados da pesquisa SUDENE / BNB, verificamos que das 184 empresas incentivadas 22% pertencem do gênero de produtos alimentares, 17% ao gênero vestuário, calçados art. de tecidos e 16% a têxtil, ou seja, a maior parte dos incentivos ficaram para as indústrias tradicionais. E que os três fatores que mais influenciaram a localização das indústrias no Ceará por ordem de importância foram o fato de o empresário se radicado no Nordeste (34,4%), o aproveitamento da matéria-prima regional (25,7%) e o incentivos federais (25%), ou seja, a indústria cearense foi assistida na sua maior parte por empresários locais. Para uma análise mais detalhada, ver: SUDENE / BNB (1991).

TABELA 3
Indústria de Transformação do Ceará 1970-85
(%)

GÊNEROS	Pessoal Ocupado Total			Salários			Valor da Produção		
	1970	1980	1985	1970	1980	1985	1970	1980	1985
TRADICIONAIS	68,90	66,35	72,88	65,04	60,59	61,34	67,89	66,88	76,81
Madeira	2,75	2,54	1,69	2,33	1,57	1,50	1,12	1,03	0,61
Mobiliário	3,65	2,85	2,26	2,53	2,66	2,06	1,64	1,92	1,08
Couro, Peles e Prod. Similares	0,78	0,95	0,98	0,78	1,10	0,88	0,35	0,88	1,40
Têxtil	14,37	11,39	12,37	15,19	12,82	13,22	22,97	22,87	24,16
Vestuário, Calçados e Art. de Tec.	6,86	14,47	19,23	6,20	12,43	14,78	4,45	11,21	14,58
Produtos Alimentares	32,41	29,53	30,36	27,87	24,47	25,33	34,10	25,69	31,20
Bebidas	3,95	1,60	1,95	4,07	1,54	2,52	1,55	1,86	2,10
Fumo	0,29	-	0,22	0,33	-	0,71	0,19	-	0,05
Material e Gráficas	2,88	2,27	2,99	5,15	3,35	5,33	1,22	1,11	1,36
Diversos	0,96	0,75	0,83	0,59	0,65	1,01	0,30	0,31	0,27
DINÂMICAS	31,10	33,65	27,12	34,96	39,41	32,66	32,11	33,12	23,19
Minerais Não-Metálicos	14,51	15,67	11,58	8,28	9,70	8,19	3,33	6,56	4,40
Metalurgia	6,28	6,50	4,88	8,56	9,27	4,99	6,49	8,10	5,79
Mecânica	1,19	2,60	2,25	1,52	5,13	3,52	0,63	2,13	1,75
Material Elétrico e de Comunicação	1,15	1,52	1,52	2,48	3,37	2,43	0,98	1,52	1,37
Material de Transporte	0,83	1,19	1,76	0,94	1,89	3,90	0,46	1,31	2,39
Papel e Papelão	0,40	0,52	0,45	0,42	0,49	0,43	0,26	0,38	0,26
Borracha	0,32	0,77	0,31	0,31	0,66	0,45	0,24	1,24	0,26
Química	5,26	2,48	1,63	11,09	4,96	4,71	18,03	8,29	4,25
Prod. Farmacêuticos e Veterinários	0,37	0,43	0,77	0,38	1,19	1,86	0,23	0,73	0,62
Perfumaria, Sabões e Velas	0,48	0,40	0,38	0,41	0,34	0,55	1,17	0,89	0,72
Prod. de Mat. Plástica	0,31	1,57	1,59	0,57	2,41	1,63	0,29	1,91	1,38
TRADICIONAIS + DINÂMICAS	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00

Fonte: FIBGE - Censo Industrial de 1970, 1980 e 1985.

Analisando a Tabela 3, verificamos que diferentemente da indústria brasileira a indústria cearense apresenta melhores desempenhos para os gêneros tradicionais; o gênero vestuário, calçados e artefatos de tecidos apresentam um alto salto no valor da produção, pois temos que em 1970 esta representava 4,45% do total da indústria, passando para 11,21% em 1980 e 14,58% em 1985. Os gêneros têxtil e

produtos alimentares são os dois que mais se destacam, seus indicadores apresentam algumas oscilações, pois de 1970 para 1980 o gênero têxtil decresce o número de pessoal ocupado em 2,98%, os salários totais em 2,37% e o valor da produção permanece praticamente o mesmo. Agora de 1980 para 1985 há um pequeno acréscimo nestes mesmos indicadores. O gênero de produtos alimentares apresenta o mesmo comportamento, de 1970 para 1980 há decréscimos nos seus indicadores e no período que vai de 1980-85 os indicadores retomam lentamente o crescimento.

O gênero dinâmico químico que foi para o Brasil o que mais se destacou, foi para o Ceará o que mais decresceu, pois em 1970 o valor da sua produção era de 18,03% e em 1980 caiu para 8,29% e já em 1985 reduziu para 4,25%; os salários totais reduziram de 1970-85 em 6,38%.

Dos gêneros dinâmicos os que mais se destacam são os de minerais não-metálicos, metalúrgica e química, desses três gêneros o de minerais não-metálicos se destaca quanto ao número de pessoal ocupado pois em 1970 este empregava 14,51% do total da indústria de transformação.

Durante o período em análise observamos que os gêneros tradicionais aumentam sua participação na indústria de transformação cearense, pois de 1970 para 1985 o valor da produção cresce em 8,92%, o pessoal ocupado em 3,98% e os salários em 2,30%. Os gêneros dinâmicos nesse mesmo período reduzem sua participação, concentrando ainda mais a indústria cearense nos gêneros tradicionais.

Analisando a Tabela 4, observamos indicadores relativos de produtividade e salários para indústria de transformação cearense e verificamos que no ano de 1970 os gêneros dinâmicos apresentavam maiores índices relativos

de produtividade do trabalho do que os gêneros tradicionais, mas em 1980 e 1985 os gêneros tradicionais passam a apresentar maiores índices relativos de produtividade, enquanto os gêneros dinâmicos reduzem a sua produtividade.

TABELA 4

Indústria de Transformação do Ceará 1970-85
Indicadores de Produtividade e Salários

GÊNEROS	P.P. ⁽¹⁾			S.M. ⁽²⁾			P.S.P. ⁽³⁾		
	1970	1980	1985	1970	1980	1985	1970	1980	1985
TRADICIONAIS	98,53	100,80	105,39	94,40	91,32	92,40	95,80	90,60	87,67
Madeira	40,73	40,55	36,09	84,73	61,81	88,76	208,04	152,43	245,90
Mobiliário	44,93	67,37	47,79	69,32	93,33	91,15	154,27	138,54	190,74
Couros, Peles e Prod. Similares	44,87	92,63	142,86	100,00	115,79	89,80	222,86	125,00	62,86
Têxtil	159,85	200,79	195,31	105,71	112,55	106,87	66,13	56,06	54,72
Vestuário, Calçados e Art. de Tec.	64,87	77,47	75,82	90,38	85,90	76,86	139,33	110,88	101,37
Produtos Alimentares	105,21	87,00	102,77	85,99	82,86	83,43	81,73	95,25	81,19
Bebidas	39,24	116,25	107,69	103,04	96,25	129,23	262,58	82,80	120,00
Fumo	65,52	-	22,73	113,79	-	322,73	173,68	-	1420,00
Editorial e Gráficas	42,36	48,90	45,48	178,82	147,58	178,26	422,13	301,80	391,91
Diversos	31,25	41,33	32,53	61,46	86,67	121,69	196,67	209,68	374,07
DINÂMICAS	103,25	98,42	85,51	112,41	117,12	120,43	108,88	118,99	140,84
Minerais Não-Metálicos	22,95	41,86	38,00	57,06	61,90	70,73	248,65	147,87	186,14
Metalurgia	103,34	124,62	118,65	136,31	142,62	102,25	131,90	114,44	86,18
Mecânica	52,94	81,92	77,78	127,73	197,31	156,44	241,70	240,85	201,14
Material Elétrico e de Comunicação	85,22	103,95	90,13	215,65	221,71	159,87	253,06	213,29	177,37
Material de Transporte	55,42	110,08	135,80	113,25	158,82	221,59	204,35	144,27	163,18
Papel e Papelão	65,00	73,08	57,78	105,00	94,23	95,56	161,54	128,95	165,38
Borracha	75,00	161,04	83,87	96,88	85,71	145,16	129,17	53,23	173,08
Química	344,74	334,27	260,74	210,84	200,00	288,96	61,51	59,83	110,83
Prod. Farmacêuticos e Veterinários	62,16	169,77	80,52	102,70	276,74	241,56	165,22	163,01	300,00
Perfumaria, Sabões e Velas	243,75	222,50	189,47	85,42	85,00	144,74	35,04	38,20	76,39
Prod. de Mat. Plástica	93,55	121,66	86,79	183,87	153,50	102,52	196,55	126,18	118,12

Fonte: FIBGE - Censo Industrial de 1970, 1980 e 1985.

(1) Produtividade relativa do trabalho = (Valor da produção do gênero i / Pessoal ocupado do gênero i) X (Pessoal ocupado do total da indústria / Valor da produção do total da indústria).

(2) Salário médio relativo = (Salários do gênero i / Pessoal ocupado do gênero i) X (Pessoal ocupado do total da indústria / Salários do total da indústria).

(3) Parcela salarial relativa = (Salários do gênero i / Valor da produção do gênero i) X (Valor da produção do total da indústria / salários do total da indústria)

Embora os gêneros tradicionais apresentem melhores índices relativos de produtividade, os gêneros dinâmicos são os que apresentam melhores níveis relativos de salário médio e maior participação dos salários nos lucros da indústria, pois no ano de 1970 estes gêneros apresentam, respectivamente, índices de 112,41 e 108,88 e no ano de 1985 esses índices passam para 120,43 e 140,84. Quanto aos gêneros tradicionais, esses mesmos indicadores apresentam reduções.

Dos gêneros tradicionais o que apresenta melhores índices relativos de produtividade é o têxtil. Este gênero obteve um bom desempenho, aumentando sua produtividade em 1970 para 1980 mais do que a média da indústria, o salário médio relativo também cresceu neste período, mas este foi inferior ao aumento relativo de produtividade, o que contribuiu para reduzir a participação relativa dos salários nos lucros. De 1980 para 1985 estes mesmos indicadores passam a decrescer mais do que a média da indústria.

Dos gêneros dinâmicos o que se destaca é o gênero químico, mas durante o período em análise há um decréscimo na sua produtividade relativa, ou seja, este gênero decresce mais que a média da indústria. O salário médio relativo e a participação relativa dos salários nos lucros apresentam uma significativa recuperação de 1980 para 1985.

Observamos que a indústria brasileira age diferentemente da indústria cearense, enquanto a indústria brasileira orienta-se para os setores dinâmicos a cearense orienta-se para os setores tradicionais. Vale ressaltar que o Ceará não optou por trabalhar com a indústria tradicional, isto ocorreu dentro de um contexto de dependência e complementariedade da indústria nacional.

Segundo Teles da Rosa (1992:97) "A industrialização não é algo desarticulado, mas um processo produtivo global que obedece a uma certa estruturação e hierarquização, do qual as regiões periféricas são partes (...). A decisão sobre o que produzir é tomada na periferia a partir da delimitação do espaço deixado pelo Centro. Enquanto o mercado for pequeno, os setores tradicionais serão explorados por empresários locais". Logo, a indústria cearense está voltada para os setores tradicionais, não por escolha, mas por está subordinada a indústria brasileira.

No geral verificamos que durante o período 1970-80 a indústria apresenta crescimento nas variáveis em análise - mesmo que em alguns setores isto não tenha ocorrido - e durante o período de 1980-85 a indústria passa a desacelerar apresentando baixos desempenhos e alguns setores permanecendo estagnados.

Visto o comportamento da indústria brasileira e cearense no período de 1970-85, passaremos nossa análise para um período mais recente (1992-94) e assim verificaremos como a indústria se comporta num curto prazo, ou seja, como esta se ajusta em fases recessivas da economia para sobreviver e até crescer.

CAPÍTULO 2

A Indústria Brasileira e Cearense nos Primeiros Anos da Década de 90

1. ASPECTOS METODOLÓGICOS

A década de 80 é considerada perdida para a economia brasileira, dado que neste período ocorreu uma aceleração inflacionaria, superando esta em 1989 à taxa de 1.000% ao ano. O PIB cresceu em média apenas 2,2% ao ano e o produto industrial cresceu 18% ao ano entre 1980 e 1988. (MOTA, 1994:78). Esta década sofre uma estagnação prolongada, sendo o setor secundário o mais penalizado, visto que na década de 70 era o setor líder de crescimento. Deste modo, inicia-se a década de 90 com expectativas nada animadoras, pois esta ainda sofre influências dos choques e planos de estabilização da década passada.

Tendo sido a indústria o setor que mais sofreu, iremos neste capítulo analisar o comportamento de alguns indicadores industriais do Brasil e Ceará nos anos 1992 a 1994 e verificar se no início da década de 90 ocorreu ou não continuidade da crise instalada na década de 80 e se houve ou não agravamento para o setor industrial.

Para o Brasil utilizaremos os dados divulgados pela pesquisa mensal da FIBGE, intitulada de "Indicadores IBGE: pesquisa industrial mensal (emprego, salários e valor da produção industrial)". Sua amostra é obtida através da técnica de amostragem probabilística. É uma amostra

estratificada cujo critério de seleção é o de amostragem aleatória simples sem reposição e produz estimativas para a totalidade do universo de investigação. As variáveis que utilizaremos para a análise são definidas segundo a pesquisa da seguinte maneira² :

a) **Valor Da Produção Industrial** - Vendas (mais) transferências efetuadas (mais) estoque final (menos) estoque inicial (mais) produtos incorporados ao ativo imobilizado do próprio estabelecimento (mais) produtos distribuídos gratuitamente (mais) receita de serviços industriais prestados a outras empresas (mais) receita de serviços industriais prestados a outros estabelecimentos da mesma empresa. As vendas de produtos fabricados e serviços prestados a outras empresas são valoradas a preço de venda, enquanto os demais componentes do valor da produção são usualmente valorados a preço de custo. No caso do estabelecimento fabricar produtos de longa maturação tais como: navios, vagões, peças e obras de caldeiraria, estruturas metálicas, etc., o valor informado corresponde ao valor do custo incorrido no mês;

b) **Pessoal Empregado Na Produção** - Total de pessoas em atividade na produção (horista e mensalista), no último dia do mês de referência da pesquisa; aquelas que exercem atividades técnicas-produtivas, diretamente ligadas ao processo de produção, com vínculo empregatício ou contrato de trabalho temporário na empresa, mesmo nos

² A definição das variáveis é idêntica ao da publicação da pesquisa: Indicadores IBGE: pesquisa industrial mensal (emprego, salários e valor da produção industrial).

ramos de atividades em que as unidades só operam em alguns meses do ano;

c) **Número De Horas Pagas Na Produção** - Número global de horas pagas pela empresa, inclusive as horas extras, durante o mês de referência da pesquisa, ao conjunto de pessoas ocupadas na produção, mesmo que estejam em férias ou afastadas do serviço ativo por prazo não superior a trinta dias;

d) **Valor Dos Salários Contratuais** - Valor, em moeda corrente do salário contratual do pessoal empregado na produção (horista e mensalistas), declarado naquele mês. Como salário contratual, entende-se o salário normal ou fixo, isto é, a remuneração básica registrada na carteira profissional (última em vigor no mês de referência da pesquisa). São consideradas também as remunerações relativas ao pessoal ocupado na produção que constam nos contratos temporário de trabalho.

Para o Ceará utilizaremos os dados divulgados pela pesquisa direta feita pela Federação das Indústrias do Estado do Ceará/Confederação Nacional da Indústria-FIEC/CNI (1992-1994) junto aos principais estabelecimentos industriais situados no Estado, com base em uma cobertura amostral correspondente a pelo menos 40% do número de empregos da indústria de transformação, segundo o cadastro da Relação Anual de Indicadores Sociais do Ministério do Trabalho-(RAIS/MTb). As variáveis são definidas segundo a pesquisa da seguinte maneira³ :

³ A definição das variáveis é idêntica ao da publicação da pesquisa direta feita pela FIEC/CNI.

- a) **Valor Total Das Vendas** - Valor do faturamento líquido da empresa, inclusive IPI, nas condições FOC - Fábrica, referente a produtos industrializados nos estabelecimentos da empresa e vendidos nas condições usuais aos clientes. Não estão incluídos os valores relativos a transferência entre estabelecimentos e receitas provenientes de prestação de serviço, a venda de ativo fixo, e revenda da matéria-prima beneficiada, revenda de produtos de terceiros;
- b) **Pessoal Empregado Total** - Correspondente ao número total de empregados , com vínculo empregatício, existente na empresa no último dia de cada mês;
- c) **Horas Trabalhadas Na Produção** - Número de horas trabalhadas pelo pessoal empregado na produção, estando excluídas as horas pagas mas não efetivamente trabalhadas;
- d) **Salários Líquidos Totais** - Valor líquido da folha de pagamento, no mês de referência, do pessoal total, incluindo salários fixos e variáveis, horas extras, periculosidade, insalubridade, salário-família, adicional noturno, tempo de serviço e excluindo 13º salário, prêmios, comissões e gratificações eventuais, salário maternidade, auxílio doença, encargos sociais do empregado, adiantamentos, férias e abono (1/3), seguros de acidentes. Não considerar descontos eventuais como: vale transporte, alimentação, farmácia, sindicato ou sociedade, caixas beneficentes, pensão alimentícia;

e) **Utilização Da Capacidade Instalada** - parcela da capacidade de produção operacional em condições normais de faturamento utilizado no mês.

Mesmo ocorrendo diferenças entre as variáveis será possível fazermos uma análise comparativa entre Brasil e Ceará, pois como se trata de um curto período de tempo-1992/94, as variáveis apresentam comportamentos semelhantes. Assim tomaremos o comportamento das vendas como próximas da produção. As variáveis pessoal empregado na produção e valor dos salários contratuais também diferem das variáveis pessoal empregado total e salários líquidos totais, pois as duas primeiras referem-se somente a produção, enquanto as duas últimas ao total da indústria, mas essas variáveis também tendem a apresentar comportamento semelhante no curto período, podendo assim compará-las.

A nossa análise será feita para o total da indústria nos anos de 1992 a 1994 e para os gêneros Metalurgia; Química; Têxtil; Vestuário, Calçados e Art. de Tecidos e Produtos Alimentares nos anos de 1993 e 1994. A escolha desses cinco gêneros deve-se a importância conjunta dos mesmos em relação aos demais gêneros da Indústria de Transformação, pois tanto a indústria brasileira como a indústria cearense está concentrada nestes setores, logo estes gêneros são representativos da indústria como um todo. Para sermos mais precisos estes cinco gêneros respondiam por 76,94% da produção industrial cearense no ano de 1985 (Censo Industrial-1985).

Como as pesquisas são mensais, calcularemos as médias dos 1º e 2º semestres de cada ano e a média anual, isto para verificarmos se há variações sazonais e qual a

influência destas sobre as variações das variáveis em análise. O nosso índice de base fixa será o primeiro mês do ano, que no caso da análise para o total da indústria será janeiro de 1992 e para a análise por gênero será janeiro de 1993.

Faremos relações entre as variáveis para assim obtermos índices de produtividade, salários e jornada de trabalho. Assim dividiremos uma variável pela outra e multiplicaremos por 100. Teremos cinco relações, sendo estas:

- a) **Produção / Pessoal Empregado** - Índice de produtividade do trabalho; esta relação serve como indicador do comportamento da produtividade. Com esta relação poderemos verificar se a indústria vem aumentando (reduzindo) sua produção mas do que empregando (desempregando) trabalhadores, se cada trabalhador está produzindo mais, etc.;
- b) **Produção / Horas Trabalhadas** - Indicador de comportamento da produtividade (não a do trabalho). Esta relação indica quanto tempo se gasta para processar uma unidade da produção, ou seja, se o produto está sendo confeccionado em um maior ou menor número de horas. É um melhor indicador do que o da produtividade do trabalho, pois indica a eficiência produtiva que absorve o efeito de alguns fatores, tais como: tecnologia, capital, recursos humanos, etc.;
- c) **Salários / Pessoal Empregado** - Indicador de salário médio, através desta relação saberemos se está havendo aumentos ou reduções de salários por trabalhador. É também um indicador do

ajuste de produção e de produtividade, pois seu aumento implica em aumentos de produtividade média devido a uma maior qualificação da mão-de-obra;

d) **Salários / Produção** - Esta relação indica a participação dos salários e da produção nos lucros da indústria, ou seja, quanto dos lucros está sendo repassado para os salários e para a produção. É um indicador de distribuição de renda entre os empregados e os demais fatores;

e) **Pessoal Empregado / Horas Trabalhadas** - Indicador do comportamento do inverso da jornada média de trabalho na produção, ou seja, esta relação indica a média de trabalhadores por horas trabalhadas. A elevação desse indicador revela que o pessoal empregado cresceu mais que as horas trabalhadas ou o pessoal empregado reduziu menos que as horas trabalhadas.

2. ANÁLISE DO TOTAL DA INDÚSTRIA

A partir do paradoxo das variáveis acima, as estatísticas relativas ao total da indústria foram trabalhadas. De acordo com as informações da Tabela 5, verificaremos o comportamento dos indicadores da indústria de transformação brasileira. Temos que nos três anos ocorreu uma oscilação no valor da produção, tendo este apresentado uma redução insignificante em 1993 e um aumento de 2,99% de 1993 para 1994. O pessoal empregado na produção reduziu nos três anos, sendo maior no ano de 1994.

Como a produtividade do trabalho depende do comportamento das variáveis produção e emprego e como observamos que a produção apresentou melhor desempenho que o emprego é muito provável que tenha havido aumentos de produtividade.

TABELA 5
Indústria de Transformação do Brasil 1992-94
Índice de Base Fixa Jun/92 = 100

Indicadores	1992			1993			1994		
	JAN-JUN	JUL-DEZ	JAN-DEZ	JAN-JUN	JUL-DEZ	JAN-DEZ	JAN-JUN	JUL-DEZ	JAN-DEZ
Valor da Produção Industrial	102,94	110,58	106,76	106,09	106,62	106,35	102,78	116,27	109,53
Pessoal Empregado na Produção	97,04	93,38	95,21	94,76	94,26	94,51	90,68	91,04	90,88
Horas Trabalhadas	97,10	95,36	96,23	90,91	90,52	90,72	90,38	92,05	91,22
Valor dos Salários	100,91	105,65	103,28	105,10	106,31	105,70	107,09	109,47	108,28

Fonte: FINEC - Indicadores IBGE: Pesquisa Industrial Mensal (Emprego, Salários e Valor da Produção Industrial).

O número de horas trabalhadas sofreu reduções apresentando índices de 96,23% em 1992; 90,72% em 1993 e 91,22% em 1994. O valor dos salários contratuais obteve melhoras, apresentando crescimentos de 2,34% de 1992 para 1993 e 2,44% de 1993 para 1994.

No ano de 1992 e 1993 as variáveis que apresentaram bons desempenhos, cresceram mais no segundo semestre do ano, e no ano de 1994 todas as variáveis obtiveram melhoras no segundo semestre, fato que decorre do caráter sazonal, devido ao aumento das encomendas de um elevado volume de produtos para as vendas de final de ano. Mas esta oscilação é de curto prazo o que não afeta as taxas de variações dos indicadores.

O aumento da produção em 1994 se deu pela influência do Plano Real, porém este não reverteu a queda no pessoal empregado⁴. O crescimento da produção e a redução dos

⁴ Ver TELES DA ROSA, Antônio L. (1995) (a).

empregados ocorreu quase na mesma magnitude e mesmo ocorrendo aumento na produção e nos salários, as horas trabalhadas e o pessoal empregado sofreram reduções.

Diante desse quadro podemos deduzir que a indústria brasileira se modernizou, adquirindo novas técnicas de produção e gestão e que essa nova tecnologia contribuiu para a redução do número de empregados exigindo uma maior qualificação de mão-de-obra. Segundo Teles da Rosa (1995:5(b)) quando há redução de mão-de-obra e exigência de maior qualificação pode-se gerar dois efeitos contraditórios sobre o rendimento do trabalho. Em primeiro lugar, a redução do emprego pode diminuir a folha salarial e em segundo, as maiores exigências de qualificações, pode elevar o salário médio e a folha salarial.

Na indústria brasileira não houve redução da renda do trabalho, logo podemos dizer que a mão-de-obra qualificada contribuiu para elevar os salários.

De acordo com a Tabela 6, temos que a indústria brasileira nos anos de 1992 a 1994 aumentou a sua produtividade, produzindo, portanto, mais com menor número de empregados e menor número de horas, isto deve ter ocorrido devido ao emprego de novas tecnologias, a maior qualificação da mão-de-obra e/ou a racionalização do processo de trabalho.

Observa-se também aumentos no salário médio e maior participação dos salários nos lucros totais da indústria. Isto vem reforçar a idéia de que mesmo com redução do emprego houve aumentos salariais, logo ocorreu demissão de trabalhadores menos qualificados e uma tentativa das empresas preservarem seus melhores trabalhadores, pois,

estes são estratégicos para uma retomada do crescimento da produção.

TABELA 6
Indústria de Transformação do Brasil 1992-94
Índice de Produtividade, Salário e Jornada de Trabalho

Indicadores	1992			1993			1994		
	JAN-JUN	JUL-DEZ	JAN-DEZ	JAN-JUN	JUL-DEZ	JAN-DEZ	JAN-JUN	JUL-DEZ	JAN-DEZ
Produção / Pessoal Empregado	106,08	118,42	112,13	111,96	113,11	112,53	113,34	127,64	120,52
Produção / Horas Trabalhadas	106,01	115,96	110,94	116,70	117,79	117,23	113,72	126,31	120,07
Salários / Pessoal Empregado	103,99	113,14	108,48	110,91	112,78	111,84	118,10	120,18	119,15
Salários / Produção	98,03	95,54	96,74	99,07	99,71	99,39	104,79	94,15	98,86
Pessoal Empregado / Horas Trabalhadas	99,94	97,92	98,94	104,23	104,13	104,18	100,33	98,96	99,63

Fonte: FIBGE - Indicadores IBGE: Pesquisa Industrial Mensal (Emprego, Salários e Valor da Produção Industrial).

A jornada de trabalho sofreu oscilações, apresentando índices de 98,94% em 1992; 104,18% em 1993 e 99,63% em 1994. Isto se deu pelo fato de as horas trabalhadas terem apresentado um aumento pouco significativo em 1994 e o número de empregados ter reduzido 3,84% no mesmo ano. O que mais afetou a jornada de trabalho foi a redução do número de empregados.

O quadro visto acima diz respeito ao Brasil, agora analisaremos comparativamente o Ceará. De acordo com os dados da Tabela 7, verificaremos o comportamento da indústria de transformação do Ceará nos anos recentes (1992 - 1994). Temos que no decorrer desses três anos o valor total das vendas tem apresentado crescimento, sendo este mais intenso no segundo semestre de cada ano. Para a indústria cearense, assim como, para a brasileira, há influência da sazonalidade; no segundo semestre do ano ocorre um aquecimento das vendas provocando aumentos na produção. Podemos observar que também para a indústria

cearense o ano de 1994 apresentou um melhor desempenho para todas as variáveis em análise no segundo semestre.

TABELA 7
Indústria de Transformação do Ceará 1992-94
Índice de Base Fixa JAN/92 = 100

Indicadores	1992			1993			1994		
	JAN-JUN	JUL-DEZ	JAN-DEZ	JAN-JUN	JUL-DEZ	JAN-DEZ	JAN-JUN	JUL-DEZ	JAN-DEZ
Valor Total das Vendas ⁽¹⁾	113,15	143,21	120,35	136,76	138,00	137,38	121,22	164,18	142,70
Pessoal Empregado Total	98,39	97,32	97,85	94,36	90,38	92,37	83,45	90,36	86,91
Total dos Salários Líquidos ⁽²⁾	91,83	97,17	94,50	95,94	95,78	95,86	95,23	104,82	100,02
Horas Trabalhadas	103,15	103,84	103,50	90,47	87,61	89,04	77,88	86,22	82,05
Capacidade Instalada	66,98	71,77	69,37	69,55	68,81	69,18	65,53	72,12	68,83

Fonte: Pesquisa Direta - SINDI / FIEC / CNI
Deflatores: (1) - IPA/CG - FGV (2) - INPC/FORTALEZA/IBGE

O número de pessoal empregado total tem decrescido, enquanto o total dos salários líquidos cresce gradativamente, obtendo um melhor saldo no ano de 1994. As horas trabalhadas tem decrescido, de 103,50% em 1992, para 89,04% em 1993 e 82,05% em 1994. A utilização da capacidade instalada mantém-se numa média de 69,13% nos três anos. Analisando o comportamento dos indicadores, podemos verificar que a indústria cearense adquiriu novas tecnologias, aumentando a produção e reduzindo a mão-de-obra. No curto prazo, as horas trabalhadas são reduzidas e os trabalhadores menos qualificados são demitidos.

Relacionando os indicadores observamos que mesmo com o aumento das vendas e dos salários houve uma redução no número de empregados e nas horas trabalhadas e que o aumento das vendas foi superior ao dos salários e a redução do número de empregados foi inferior a das horas trabalhadas. Temos também que a utilização da capacidade instalada quase não sofreu alteração, logo esta não foi influenciada pelos aumentos de vendas e reduções de

empregados. Isto vem mais uma vez reforçar o que foi afirmado anteriormente, que no curto prazo os empresários tentam se ajustar às oscilações da produção através de variações das horas trabalhadas e do número de empregados.

Observamos que a indústria cearense apresentou comportamento semelhante ao da indústria brasileira, sendo que a primeira sofreu maiores variações. Assim percebemos que a indústria cearense tenta se adequar as mudanças que ocorrem na industrialização brasileira, pois esta também adquiriu novas tecnologias tentando melhorar o seu desempenho e o seu poder competitivo.

Os empresários cearenses tentam, no curto, prazo ajustar a produção, o emprego e as horas trabalhadas de maneira que ocorram menores perdas e/ou maiores ganhos, logo eles procuram se adequar a situação econômica do país e da indústria brasileira.

A Tabela 8, nos mostra índices de produtividade, salário e jornada de trabalho para a indústria cearense. Segundo a referida Tabela, temos que a produtividade do trabalho tem crescido nos três anos, sendo este crescimento mais intenso no segundo semestre de cada ano. A produção vem aumentando mais do que empregando trabalhadores, ou seja, cada trabalhador está produzindo mais. A relação vendas/horas trabalhadas, também indicador de produtividade, apresenta crescimento bem significativo para a indústria cearense nesses três anos. O aumento da produção está sendo superior ao das horas trabalhadas, ou seja, os trabalhadores estão produzindo mais em menos tempo. Como já vimos, isto pode estar ocorrendo devido a adoção de novas tecnologias.

TABELA 8
 Indústria de Transformação do Ceará 1992-94
 Índice de Produtividade, Salário e Jornada de Trabalho

Indicadores	1992			1993			1994		
	JAN-JUN	JUL-DEZ	JAN-DEZ	JAN-JUN	JUL-DEZ	JAN-DEZ	JAN-JUN	JUL-DEZ	JAN-DEZ
Vendas / Pessoal Empregado	115,00	147,15	131,17	144,93	152,69	148,73	145,26	181,70	164,19
Vendas / Horas Trabalhadas	109,69	137,91	124,00	151,17	157,52	154,29	155,65	190,42	173,92
Salários / Pessoal Empregado	93,33	99,85	96,58	101,67	105,97	103,78	114,12	116,20	115,08
Salários / Vendas	81,16	67,85	73,62	70,15	69,41	69,78	78,56	63,84	70,09
Pessoal Empregado / Horas Trabalhadas	95,39	93,72	94,54	104,30	103,16	103,74	107,15	104,80	105,92

Fonte: Pesquisa Direta - SINDI / FIEC / CNI

O salário médio sofreu aumentos durante os três anos, sendo estes inferiores aos aumentos de produtividade. O crescimento do salário médio foi bem mais significativo no ano de 1994. Isto deve-se que a maior qualificação da mão-de-obra exigiu melhores salários e também que neste ano houve a introdução do Plano Real. Na relação Salários / Vendas ocorre uma oscilação no índice, sendo 73,62% em 1992, 69,78% em 1993 e 70,09% em 1994. Neste caso os salários não tem acompanhado o mesmo ritmo de crescimento das vendas, a participação dos salários sofreu uma redução e como já citado, os aumentos de produtividade são superiores aos do salário. Observamos também que o salário médio é maior no segundo semestre de cada ano e isto pode ser explicado pelo pagamento do décimo terceiro salário.

No indicador da jornada média de trabalho observamos que o emprego decresce menos do que as horas trabalhadas, há menores variações no número de empregados ao de horas trabalhadas, isto porque é menos dispendioso para os empregadores, pois admissões e demissões de empregados requer custos para a indústria e no curto prazo os

empresários tentam se ajustar aumentando ou reduzindo as horas trabalhadas.

Feita esta análise percebemos que nos três anos (1992 - 1994) ocorreram aumentos de produtividade e salário médio tanto para a indústria brasileira como para a cearense. Logo vemos que mesmo na crise recessiva as indústrias, sobrevivem e tentam acompanhar as mudanças que ocorrem no primeiro mundo, buscando assim um melhor poder competitivo. Assim, observamos que no curto prazo há aumentos de desemprego, pois os empresários reagem de forma a manterem os seus ganhos.

3. ANÁLISE SETORIAL

Nesta seção faremos a análise por gêneros, para assim obtermos uma melhor visão do comportamento da indústria, dado que estes possuem diferenças de ajuste no interior da indústria. Utilizaremos dois gêneros de caráter dinâmico (química e metalúrgica) e três de caráter tradicional (têxtil, vestuário e produtos alimentares)

3.1. INDÚSTRIA METALÚRGICA

Faremos a análise para o gênero metalúrgica utilizando os indicadores industriais que se encontram na Tabela 9. Para o Brasil a indústria metalúrgica no ano de 1993 obteve melhora da produção industrial no 2º semestre, tendo todas as outras variáveis reduzido o seu desempenho neste mesmo período. No ano de 1994 todas as variáveis obtiveram melhores índices no 2º semestre; verificamos que a

sazonalidade acontece com maior clareza para o ano de 1994, isto porque neste ano ocorreu a introdução da URV e após a generalização do seu uso ela contribuiu para um favorável desempenho na atividade industrial.

TABELA 9

Indústria Metalúrgica - Indicadores Industriais, Brasil e Ceará 1993/94

	1993			1994		
	JAN-JUN	JUL-DEZ	JAN-DEZ	JAN-JUN	JUL-DEZ	JAN-DEZ
BRASIL						
Valor da Produção Industrial	103,49	108,09	105,79	99,89	106,78	103,33
Pessoal Empregado na Produção	101,00	97,12	99,06	89,37	91,21	90,29
Horas Trabalhadas	100,61	98,42	99,51	101,09	110,52	105,80
Valor dos Salários	103,31	102,34	102,83	98,55	100,23	99,39
CEARÁ						
Vendas Industriais Totais	133,19	156,17	144,68	147,22	195,60	171,41
Pessoal Empregado Total	100,16	100,90	100,53	101,13	119,04	110,09
Salários Líquidos Totais	85,92	110,00	105,46	119,24	134,61	126,92
Horas Trabalhadas	107,52	104,44	105,98	103,79	127,81	115,80
Utilização da Capacidade Instalada	67,45	68,43	67,94	61,65	77,40	69,53

Fonte: FIRGE - Indicadores IBGE: Pesquisa Industrial Mensal (Empregos, Salários e Valor da Produção Industrial)
Pesquisa Direta - SINDI / FIRC / CNI

Comparando o ano de 1993 com o de 1994, observamos que a indústria metalúrgica brasileira não apresentou melhoras tendo reduzido sua produção em 2,33%, o pessoal empregado em 8,85% e o valor dos salários em 3,35%. Obtendo aumento somente nas horas trabalhadas, sendo este de 6,32%. O aumento nas horas trabalhadas deu-se para compensar a queda no número de empregados e assim reduzir menos a produção.

Para a indústria metalúrgica cearense no ano de 1993 apenas as horas trabalhadas sofreram reduções do 1º para o 2º semestre, tendo todas as outras variáveis melhorado seu desempenho. No ano de 1994 todas as variáveis

apresentaram melhor desempenho no 2º semestre, o que vem reforçar a influência da sazonalidade na indústria cearense.

Do ano de 1993 para 1994 a indústria metalúrgica cearense apresentou crescimento em todos os seus indicadores industriais e estes foram bem significativos. Os salários líquidos totais cresceram 20,35% e as vendas industriais totais 18,48%, um elevado crescimento se comparado com as demais variáveis. O pessoal empregado e as horas trabalhadas cresceram menos que as vendas industriais, causando assim uma elevação de produtividade. A utilização da capacidade instalada cresceu 2,34%.

Na Tabela 10, podemos analisar os indicadores de produtividade, salário e jornada de trabalho para o gênero metalúrgica e assim obter um melhor resultado do comportamento desta indústria.

Para o Brasil o ano 1993 apresenta aumentos de produtividade e salário médio no segundo semestre, enquanto no ano de 1994 há aumentos apenas na produtividade do trabalho. Do ano de 1993 para 1994, temos aumento na produtividade do trabalho, isto porque a redução no número de empregados foi superior a redução que ocorreu na produção. O indicador de produtividade (Produção/Horas Trabalhadas) reduziu, pois o aumento no número de horas trabalhadas não foi capaz de reverter a queda da produção, ou seja, os trabalhadores passaram a produzir menos num maior número de horas. O salário médio cresceu, isto porque o pessoal empregado reduziu mais que os salários e o pagamento de horas extras veio melhorar o salário médio. Mesmo com o aumento do salário médio, este reduziu sua participação nos lucros da indústria. A jornada de trabalho cresceu, os trabalhadores aumentaram suas horas de

trabalho, isto para compensar a redução no número de empregados.

Para o Ceará há aumentos de produtividade do 1º para o 2º semestre de cada ano e há também de um ano para o outro. A indústria metalúrgica cearense ficou mais produtiva, os trabalhadores passaram a produzir mais num menor tempo, ou seja, aumentou o "conteúdo" de trabalho por unidade de tempo, isto deve ter ocorrido devido ao emprego de capital mais ágil. O salário médio cresceu contribuindo para aumentar a sua participação na produção, ou seja, a renda foi melhor distribuída entre empresários e empregados. A jornada de trabalho foi reduzida, diminuíram as horas trabalhadas por cada trabalhador.

TABELA 10

Indústria Metalúrgica - Brasil e Ceará 1993/94
Indicadores de Produtividade, Salário e Jornada de Trabalho

	1993			1994		
	JAN-JUN	JUL-DEZ	JAN-DEZ	JAN-JUN	JUL-DEZ	JAN-DEZ
BRASIL						
Produção / Pessoal Empregado	102,47	111,30	106,74	111,77	117,07	114,44
Produção / Horas Trabalhadas	102,86	109,83	106,31	98,81	96,62	97,67
Salários / Pessoal Empregado	102,29	105,37	103,81	110,27	109,89	110,08
Salários / Produção	99,83	99,27	97,20	98,66	93,87	96,19
Pessoal Empregado / Horas Trabalhadas	100,39	98,68	99,55	88,41	82,53	85,34
CEARÁ						
Vendas / Pessoal Empregado	132,98	154,78	143,92	145,58	164,31	155,70
Vendas / Horas Trabalhadas	123,87	149,53	136,52	141,84	153,04	148,02
Salários / Pessoal Empregado	85,75	109,02	104,90	117,91	113,08	115,29
Salários / Vendas	64,51	70,44	72,89	80,99	68,82	74,04
Pessoal Empregado / Horas Trabalhadas	93,15	96,61	94,86	97,44	95,38	95,10

Fonte: FIBGE - Indicadores IBGE
Pesquisa Direta - SINDI / FIEC / CNI

A indústria metalúrgica brasileira apresentou comportamento diferente da cearense, esta última obteve um melhor desempenho, pois seus trabalhadores ficaram mais produtivos e seu capital mais ágil. Os empresários agiram de maneiras diferentes, pois enquanto na indústria metalúrgica brasileira houve demissões de empregados na cearense ocorreu admissão. O comportamento dos empresários vem reforçar o diferente desempenho ocorrido na indústria metalúrgica do Brasil e Ceará.

3.2. INDÚSTRIA QUÍMICA

De acordo com a Tabela 11, analisaremos a indústria química brasileira e cearense. Para o Brasil observamos que no ano de 1993 do 1º para o 2º semestre as variáveis não sofreram mudanças significativas, com exceção apenas do valor da produção que cresceu 2,73%. No ano de 1994 obtivemos melhoras para todas as variáveis, mas somente o valor da produção e as horas trabalhadas apresentaram melhoras significativas.

Observando a evolução de um ano para o outro temos que o valor da produção cresceu 12,16%, o pessoal empregado na produção e as horas trabalhadas reduziram, respectivamente, 2,60% e 4,22%, o aumento nos salários foi bastante reduzido sendo apenas de 0,15%. O aumento da produção não foi suficiente para provocar um aumento significativo nos salários. As horas trabalhadas caíram mais que o pessoal empregado, isto porque para os empresários é mais dispendioso gastar com admissões e demissões a ter que reduzir ou aumentar o número de horas trabalhadas.

Para a indústria química cearense o ano de 1993 apresenta melhores índices para o 1º semestre do ano,

pois, como podemos observar do 1º para o 2º semestre há crescimento apenas para o total dos salários líquidos e para a capacidade instalada. No ano de 1994 o mesmo não ocorre, pois, todas as variáveis apresentam melhoras de um semestre para o outro, apenas o total dos salários líquidos sofre redução de 3,64%.

TABELA 11
Indicadores Industriais, Brasil e Ceará 1993/94
Indústria Química

	1993			1994		
	JAN-JUN	JUL-DEZ	JAN-DEZ	JAN-JUN	JUL-DEZ	JAN-DEZ
BRASIL						
Valor da Produção	108,03	110,98	109,50	108,91	136,72	122,81
Pessoal Empregado na Produção	100,76	100,65	100,71	98,07	98,10	98,09
Horas Trabalhadas	100,08	100,45	100,27	94,88	97,20	96,04
Valor dos Salários	97,75	97,68	97,71	97,73	98,00	97,86
CEARÁ						
Valor Total das Vendas	85,42	71,08	78,26	66,55	185,41	125,98
Pessoal Empregado Total	94,08	88,55	91,32	81,79	87,07	84,43
Total dos Salários Líquidos	87,78	125,46	106,62	128,66	123,98	126,32
Horas Trabalhadas	94,02	92,40	93,21	76,71	88,53	82,62
Capacidade Instalada	62,18	65,50	63,84	58,32	60,98	59,65

Fonte: FIBGE - Indicadores IBGE: Pesquisa Industrial Mensal (Empregos, Salários e Valor da Produção Industrial)
Pesquisa Direta - SINDI / FIEC / CNI

Do ano de 1993 para 1994 o gênero química apresentou aumentos no valor das vendas de 60,98% e no total dos salários de 18,48% e reduções no pessoal empregado de 7,54% nas horas trabalhadas de 11,36% e na capacidade instalada de 6,56%. Este elevado crescimento nas vendas se deu pelo incremento de matéria-prima nas indústrias de fabricação de asfalto ocorrido no mês de setembro (FIEC / CNI, 1994). Mesmo ocorrendo aumento nas vendas houve redução na capacidade instalada, no pessoal empregado e nas horas trabalhadas, isto vem mais uma vez reforçar o que foi

afirmado anteriormente, a indústria vem adotando novas técnicas de produção e gestão.

Observando-se a análise já efetuada, percebemos que o gênero química apresenta o mesmo comportamento para a indústria brasileira e cearense e o mesmo para o total da indústria, diferenciando apenas na magnitude dos indicadores. A indústria química cearense aumentou sua produção e seu salário mais que a brasileira, mas também desempregou bem mais.

Tomando a Tabela 12, observamos que para a indústria química brasileira houve aumentos de produtividade do 1º para o 2º semestre de cada ano e de um ano para o outro. Os empregados passaram a produzir mais e em menos tempo. O salário médio aumentou, sendo que este aumento foi bem menor que o aumento da produtividade, logo ocorreu uma redução da participação dos salários na produção. A jornada de trabalho cresceu, as horas trabalhadas reduziram mais que o pessoal empregado, ou seja, cada trabalhador reduziu as suas horas trabalhadas.

Para a indústria química cearense temos aumentos de produtividade do 1º para o 2º semestre do ano de 1994, podemos observar que a sazonalidade ocorre com maior clareza para indústria química brasileira do que para a cearense e se compararmos a indústria química com a metalúrgica, percebemos que esta última sofre uma menor influência da sazonalidade.

Observando a evolução dos indicadores do ano de 1993 para 1994, temos que a indústria química cearense apresenta o mesmo comportamento que a brasileira, ou seja, aumentos de produtividade, salário médio e jornada de trabalho. A diferença está apenas na magnitude dos indicadores, pois,

para a indústria química cearense o aumento de produtividade foi bem mais elevado, o salário médio e a jornada de trabalho também apresentaram maiores crescimentos.

TABELA 12
Indústria Química - Brasil e Ceará 1993/94
Indicadores de Produtividade, Salário e Jornada de Trabalho

	1993			1994		
	JAN-JUN	JUL-DEZ	JAN-DEZ	JAN-JUN	JUL-DEZ	JAN-DEZ
BRASIL						
Produção / Pessoal Empregado	107,22	110,26	108,73	111,05	139,37	125,20
Produção / Horas Trabalhadas	107,94	110,48	109,21	114,79	140,66	127,87
Salários / Pessoal Empregado	97,01	97,05	97,02	99,65	99,90	99,77
Salários / Produção	90,48	88,02	89,23	89,73	71,68	79,68
Pessoal Empregado / Horas Trabalhadas	100,68	100,20	100,44	103,36	100,93	102,13
CEAPÁ						
Vendas / Pessoal Empregado	90,79	80,27	85,70	81,37	212,94	149,21
Vendas / Horas Trabalhadas	90,85	76,93	83,96	86,76	209,43	152,48
Salários / Pessoal Empregado	93,30	141,68	116,75	157,31	142,39	149,62
Salários / Vendas	102,76	176,51	136,24	193,33	66,87	100,27
Pessoal Empregado / Horas Trabalhadas	100,06	45,83	97,97	106,62	98,35	102,19

Fonte: FIBGE - Indicadores IBGE
Pesquisa Direta - SINDI / FIEC / CNI

A indústria química brasileira e cearense apresentaram um bom desempenho no ano de 1994 dado aos significativos aumentos de produtividade e salário médio. A explicação para esse fato está que no ano de 1994 houve a introdução do Plano Real, que embora favorecendo a indústria química não evitou o desemprego.

3.3. INDÚSTRIA TÊXTIL

Na Tabela 13, temos os indicadores industriais para a indústria têxtil do Brasil e Ceará. Para o Brasil, no ano

de 1993, do 1º para o 2º semestre, somente o pessoal empregado na produção sofreu redução, enquanto no ano de 1994 além desta variável, as horas trabalhadas também se reduziram. Analisando a evolução de um ano para o outro observamos que o desempenho da indústria têxtil brasileira não tem sido satisfatório, pois ocorreu um decréscimo no valor da produção de 8,20%, no pessoal empregado de 1,84% e nas horas trabalhadas de 4,10% e o acréscimo que se deu no valor dos salários foi insignificante. A redução das horas trabalhadas foi superior a estes outros dois indicadores. Temos que no curto período (1993/94) a produção e as horas trabalhadas sofreram variações maiores que o pessoal empregado.

Para o Ceará, no ano de 1993, o valor das vendas e o total dos salários líquidos sofreram reduções no segundo semestre, enquanto no ano de 1994 todas as variáveis melhoraram seu desempenho neste mesmo período. Observando a evolução de um ano para o outro da indústria têxtil cearense temos decréscimo somente no valor das vendas, pois, o pessoal empregado cresceu 3,88%, o total dos salários 17,42% e a capacidade instalada 1,80%. As horas trabalhadas não sofreram mudanças significativas, permaneceram praticamente a mesma. Temos que mesmo com reduções nas vendas ocorreram aumentos no número de empregados e na capacidade instalada.

Observamos que o desempenho da indústria têxtil não é o mesmo para o Brasil e Ceará, mas podemos dizer que neste gênero há um maior poder de sindicalização dos trabalhadores, pois, mesmo com reduções de produção, temos melhores situações para os empregados⁵.

⁵ Ver: TELES DA ROSA, Antônio L. (1995) (b).

TABELA 13
Indicadores Industriais - Brasil e Ceará - 1993/94
Indústria Têxtil

	1993			1994		
	JAN-JUN	JUL-DEZ	JAN-DEZ	JAN-JUN	JUL-DEZ	JAN-DEZ
BRASIL						
Valor da Produção	109,13	109,50	109,31	98,34	102,36	100,35
Pessoal Empregado na Produção	101,16	100,65	100,90	99,61	98,48	99,04
Horas Trabalhadas	101,32	102,09	101,71	97,79	97,30	97,54
Valor dos Salários	98,06	103,10	100,58	101,14	101,38	101,26
CEARÁ						
Valor Total das Vendas	126,58	124,42	125,50	104,75	115,97	110,36
Pessoal Empregados Total	121,66	142,02	131,84	136,00	137,92	136,95
Total soa Salários Líquidos	103,78	101,03	102,41	111,68	128,81	120,25
Horas Trabalhadas	98,44	101,70	100,07	98,31	101,81	100,06
Capacidade Instalada	85,19	87,00	86,09	86,22	89,06	87,64

Fonte: FIBGE - Indicadores IBGE
Pesquisa Direta - SINDI / FIEC / CNI

Vejamos que na indústria têxtil brasileira a queda no volume de produção foi muito superior ao registrado para o número de empregados e o salário não se reduziu. Na indústria têxtil cearense mesmo com reduções de vendas ocorreu aumentos no número de empregados e nos salários.

Tomando a Tabela 14, podemos ter uma melhor visão deste comportamento. Temos para a indústria têxtil brasileira e cearense reduções de produtividade e jornada de trabalho e aumentos de salário médio. Os trabalhadores passaram a produzir menos e reduziram também as suas horas trabalhadas, mas mesmo assim os salários aumentaram sua participação no valor da produção.

TABELA 14
Indústrias Têxtil - Brasil e Ceará - 1993/94
Indicadores de Produtividade, Salário e Jornada de Trabalho

	1993			1994		
	JAN-JUN	JUL-DEZ	JAN-DEZ	JAN-JUN	JUL-DEZ	JAN-DEZ
BRASIL						
Produção / Pessoal Empregado	107,88	108,79	108,33	98,73	103,94	101,32
Produção / Horas Trabalhadas	107,71	107,26	107,47	100,56	105,20	102,88
Salários / Pessoal Empregado	96,94	102,43	99,68	101,54	102,94	102,24
Salários / Produção	84,86	94,16	92,01	102,85	94,04	100,91
Pessoal Empregado / Horas Trabalhadas	99,84	98,59	99,20	101,86	101,21	101,54
CEARÁ						
Vendas / Pessoal Empregado	104,04	87,61	95,19	77,02	84,08	80,58
Vendas / Horas Trabalhadas	128,59	122,34	125,41	106,55	113,91	110,29
Salários / Pessoal Empregado	85,30	71,14	77,68	82,12	93,39	87,81
Salários / Vendas	81,99	81,20	81,60	106,62	111,07	108,96
Pessoal Empregado / Horas Trabalhadas	123,59	139,65	131,75	138,34	135,47	136,87

Fonte: FIBGE - Indicadores IBGE
Pesquisa Direta - SINDI / FIEC / CNI

A diferença entre a indústria têxtil brasileira e a cearense não está no comportamento dos indicadores, mas na magnitude destes. Na indústria têxtil cearense a redução na produtividade e o aumento no salário médio foram superior àqueles observados para a indústria têxtil brasileira.

A indústria têxtil apresentou um pior desempenho em relação a indústria metalúrgica e química, isto tanto para o Brasil como para o Ceará. Os indicadores da indústria têxtil não foram bons, sua produtividade reduziu, enquanto, para as outras duas indústria tivemos aumentos de produtividade e melhores desempenhos para seus indicadores.

3.4. INDÚSTRIA DE VESTUÁRIO, CALÇADOS E ARTEFATOS DE TECIDOS

Tomando a Tabela 15, faremos a análise para a indústria de vestuário, calçados e artefatos de tecidos. Assim temos que para o Brasil os anos de 1993 e 1994 apresentaram crescimento para todas as variáveis do 1º para o 2º semestre, apenas a variável pessoal empregado na produção decresceu no ano de 1994, mas este decréscimo não foi significativo. Como já foi visto, este desempenho satisfatório ocorrido no 2º semestre é devido ao caráter sazonal, pois, neste período há uma retomada das atividades produtivas face a proximidade das festas de final de ano.

Comparando o ano de 1993 com 1994 observamos aumento somente no valor da produção; o pessoal empregado, as horas trabalhadas e o valor dos salários sofreram reduções. O valor da produção e o pessoal empregado sofreram maiores variações que as horas trabalhadas e o valor dos salários. O gênero vestuário diferenciou o seu comportamento do total da indústria apenas na redução dos salários.

Para o Ceará observamos o mesmo comportamento, ou seja, todas as variáveis apresentaram melhor desempenho no 2º semestre de cada ano, assim sendo, a indústria de vestuário cearense também sofre influências da sazonalidade. Analisando a evolução de um ano para outro, verificamos aumentos no valor das vendas e reduções no pessoal empregado, no valor dos salários e nas horas trabalhadas, sendo que neste caso a redução dos salários foi quase insignificante. Obtivemos também um aumento na capacidade instalada, este foi de 1,94%. As horas trabalhadas sofreram maiores variações que o valor das vendas e que o pessoal empregado.

TABELA 15
 Indicadores Industriais - Brasil e Ceará - 1993/94
 Indústria de Vestuário, Calçados e Artigos de Tecidos

	1993			1994		
	JAN-JUN	JUL-DEZ	JAN-DEZ	JAN-JUN	JUL-DEZ	JAN-DEZ
BRASIL						
Valor da Produção	112,47	130,27	121,37	114,02	148,50	131,26
Pessoal Empregado na Produção	105,12	105,33	105,23	99,87	99,00	99,43
Horas Trabalhadas	107,92	109,26	108,59	105,46	106,25	105,85
Valor dos Salários	106,71	108,45	107,58	104,88	108,33	106,61
CEARÁ						
Valor Total das Vendas	98,30	122,47	110,38	96,99	134,62	115,80
Pessoal Empregado Total	103,04	104,97	104,00	98,23	107,65	102,94
Total dos Salários Líquidos	104,53	105,41	104,97	100,61	108,58	104,59
Horas Trabalhadas	115,28	116,10	115,69	98,66	110,08	104,37
Capacidade Instalada	77,20	79,74	78,47	78,28	81,70	79,99

Fonte: FIEGE - Indicadores IBGE
 Pesquisa Direta - SINDI / FIEC / CNI

Observamos que a indústria de vestuário brasileira e cearense apresentaram comportamento semelhante, diferenciando apenas na magnitude de seus indicadores. De acordo com este comportamento verificamos que neste gênero ocorreu modernização o que contribuiu para a redução no número de empregados e exigiu melhor qualificação da mão-de-obra. A redução no número de empregados provocou reduções nos salários. Como para o Brasil a queda no número de empregados foi maior que para o Ceará, seus salários também obtiveram maiores reduções.

De acordo com a Tabela 16, podemos verificar que para o Brasil obtivemos aumentos de produtividade e jornada de trabalho do 1º para o 2º semestre de cada ano e também de um ano para outro. Os empregados passaram a produzir mais e em menor número de horas. Como a jornada de trabalho cresceu os empregados aumentaram suas horas de trabalho,

isto para poder responder ao aumento de produção. O salário médio cresceu, a redução no pessoal empregado foi maior que a redução nos salários, provocando assim melhoras no salário médio. A participação dos salários no valor da produção se reduziu, pois mesmo ocorrendo aumentos de produção, obtivemos reduções no valor dos salários.

TABELA 16

Indústria de Vestuário, Calçados e Artigos de Tecidos - Brasil e Ceará - 1993/94
Indicadores de Produtividade, Salário e Jornada de Trabalho

	1993			1994		
	JAN-JUN	JUL-DEZ	JAN-DEZ	JAN-JUN	JUL-DEZ	JAN-DEZ
BRASIL						
Produção / Pessoal Empregado	106,99	123,68	115,34	114,17	150,00	132,01
Produção / Horas Trabalhadas	104,22	119,23	111,77	108,12	139,76	124,01
Salários / Pessoal Empregado	101,51	102,96	102,23	105,02	109,42	107,22
Salários / Produção	94,88	83,25	88,64	91,98	72,95	81,22
Pessoal Empregado / Horas Trabalhadas	97,41	96,40	96,91	94,70	93,18	93,93
CEARÁ						
Vendas / Pessoal Empregado	95,40	116,67	106,13	98,74	125,05	112,49
Vendas / Horas Trabalhadas	85,27	105,49	95,41	98,31	122,29	110,60
Salários / Pessoal Empregado	101,45	100,42	100,93	102,42	100,86	101,60
Salários / Vendas	106,34	86,07	95,10	103,73	80,66	90,32
Pessoal Empregado / Horas Trabalhadas	89,38	90,41	89,90	99,56	97,79	98,63

Fonte: FIBGE - Indicadores IBGE
Pesquisa Direta - SINDI / FIEC / CNI

Para o Ceará obtivemos o mesmo comportamento para os indicadores de produtividade e salário médio. A jornada de trabalho apresentou comportamento diferente, pois esta decresceu, reduzindo assim as horas trabalhadas por cada empregado.

O aumento da produtividade do trabalho e do salário médio foi bem maior para o Brasil, isto porque tivemos para o País um maior número de desempregados.

A indústria de vestuário apresentou um melhor desempenho que a indústria têxtil, pois, como podemos verificar para a de vestuário obtivemos aumentos de produtividade e jornada de trabalho, enquanto para a têxtil, reduções de produtividade e jornada de trabalho.

3.5. INDÚSTRIA DE PRODUTOS ALIMENTARES

De acordo com a Tabela 17, observamos os indicadores industriais para a indústria de produtos alimentares. Notemos que esta apresenta os menores índices, seu desempenho foi negativo para todos os indicadores.

Para o Brasil a redução no valor da produção foi de 9,02%, no pessoal empregado de 5,66%, nas horas trabalhadas de 1,70% e no valor dos salários de 1,01%. No segundo semestre do ano de 1994 houve uma melhora para todos os indicadores, mas esta não foi suficiente para reverter o fraco desempenho da indústria de produtos alimentares.

Para o Ceará o comportamento dos indicadores é a mesma, ou seja, todos sofreram reduções. No valor das vendas a redução foi de 1,34%, no pessoal empregado de 27,94%, no total dos salários de 25,34%, nas horas trabalhadas de 27,02% e na capacidade instalada de 8,28%.

No Ceará o desemprego e a redução nos salários foi bem mais elevado que para o Brasil, embora para o país a produção se reduziu bem mais.

O que contribuiu também para o baixo desempenho da indústria de produtos alimentares cearense foi o término

antecipado da safra da castanha de caju e da cana-de-açúcar (FIEC/CNI, 1994).

TABELA 17
Indicadores Industriais - Brasil e Ceará - 1993/94
Indústria de Produtos Alimentares

	1993			1994		
	JAN-JUN	JUL-DEZ	JAN-DEZ	JAN-JUN	JUL-DEZ	JAN-DEZ
BRASIL						
Valor da Produção	96,86	102,90	99,88	86,85	95,09	90,97
Pessoal Empregado na Produção	99,79	97,36	98,57	91,96	94,02	92,99
Horas Trabalhadas	98,58	97,08	97,83	97,19	98,16	96,17
Valor dos Salários	95,94	94,20	95,07	91,75	96,47	94,11
CEARÁ						
Valor Total das Vendas	96,71	91,97	94,34	82,10	102,39	93,08
Pessoal Empregado Total	95,16	83,87	89,51	66,40	62,60	64,50
Total dos Salários Líquidos	87,33	84,84	86,08	66,34	62,20	64,27
Horas Trabalhadas	95,03	81,94	88,49	60,62	68,54	64,58
Capacidade Instalada	69,87	63,48	66,68	58,22	64,09	61,16

Fonte: FIBGE - Indicadores IBGE
Pesquisa Direta - SINDI / FIEC / CNI

Tomando a Tabela 18, observamos que, para a indústria de vestuário brasileira há reduções de produtividade, isto porque a produção se reduziu mais que o pessoal empregado e as horas trabalhadas. Mesmo com quedas de produtividade observamos aumentos no salário médio e na participação dos salários no valor da produção. Como as horas trabalhadas sofreram menores reduções que o pessoal empregado, a jornada de trabalho obteve acréscimo.

O mesmo comportamento não pode ser verificado para a indústria de produtos alimentares cearense, que obteve aumentos de produtividade, isto porque a redução no pessoal empregado e nas horas trabalhadas foram bem mais elevadas que a redução do valor das vendas, logo os empregados

passaram a produzir mais e em menor tempo. Houve aumento no salário médio, mas este não aumentou sua participação no valor das vendas. A jornada de trabalho cresceu, cada empregado passou a trabalhar um maior número de horas.

TABELA 18

Indústria de Produtos Alimentares - Brasil e Ceará - 1993/94
Indicadores de Produtividade, Salário e Jornada de Trabalho

	1993			1994		
	JAN-JUN	JUL-DEZ	JAN-DEZ	JAN-JUN	JUL-DEZ	JAN-DEZ
BRASIL						
Produção / Pessoal Empregado	97,06	105,69	101,33	94,44	101,14	97,83
Produção / Horas Trabalhadas	98,26	106,00	102,10	92,21	96,87	94,59
Salários / Pessoal Empregado	96,14	96,75	96,45	99,77	102,61	101,20
Salários / Produção	99,05	91,55	95,18	105,64	101,45	103,45
Pessoal Empregado / Horas Trabalhadas	101,23	100,29	100,76	97,63	95,78	96,69
CEARÁ						
Vendas / Pessoal Empregado	101,63	109,66	105,40	123,64	163,56	144,31
Vendas / Horas Trabalhadas	101,77	112,24	106,61	135,43	149,39	144,13
Salários / Pessoal Empregado	91,77	101,16	96,17	99,91	99,36	99,64
Salários / Vendas	90,30	92,25	91,24	80,80	60,75	69,03
Pessoal Empregado / Horas Trabalhadas	100,14	102,36	101,15	109,53	91,33	99,88

Fonte: FIBGE - Indicadores IBGE
Pesquisa Direta - SINDI / FIEC / CNI

Observamos que para o Brasil mesmo ocorrendo reduções na produtividade, os salários aumentaram sua participação no valor da produção enquanto para o Ceará os aumentos de produtividade não foram capazes de melhorar a participação dos salários no valor das vendas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através de uma análise dos dados censitários de 1970 a 1985, observamos que a indústria brasileira se expandiu direcionando sua produção para os setores dinâmicos da indústria de transformação, enquanto a indústria cearense direcionou-se para os setores tradicionais.

Durante o período de 1970-80 tanto a indústria brasileira quanto a cearense apresentaram reduções nas variáveis pessoal ocupado total, salários e valor da produção dos setores tradicionais e aumentos nessas mesmas variáveis para os setores dinâmicos. Agora de 1980-85, a indústria brasileira apresentou baixo desempenho tanto nos setores tradicionais quanto nos dinâmicos, enquanto a indústria cearense apresentou crescimento nos setores tradicionais.

A indústria cearense mesmo estando concentrada nos setores tradicionais e sendo marcada pela presença de empresários locais, foi capaz de crescer algumas vezes (1980-85) a uma taxa superior a média nacional e como pudemos verificar esta tentou acompanhar o desenvolvimento tecnológico do país, buscando maior competitividade para os seus produtos.

O comportamento dos empresários cearenses não difere muito do comportamento dos empresários do país, durante um curto período do tempo, estes tentam se ajustar às oscilações da economia, de uma maneira que ocorram menores perdas e/ou maiores ganhos.

A análise do comportamento da indústria no período de 1970-85 nos ajudou a entender melhor o comportamento da indústria na primeira metade da década de 90, dado que, este período recente ainda sofre conseqüências dos planos de estabilização adotados na década anterior. Logo nos anos de 1992-94 a indústria tendeu a apresentar o mesmo comportamento da década de 80, ou seja, reduções de produção e emprego.

Assim, observamos que nos anos de 1992-94 as atividades econômicas, o poder competitivo das indústrias, o nível de produtividade, etc., entraram em declínio e os empresários num curto prazo se ajustaram através de variações na produção, nas horas trabalhadas e no número de empregados, pois, quando ocorrem reduções na produção, num primeiro momento, os empresários reduzem as horas trabalhadas, reduzindo as horas extras, os contratos de prestação de serviços, etc. Caso o declínio da produção se prolongue por mais tempo, os empresários começam num segundo momento a demitir os empregados, estes demitem os trabalhadores menos qualificados, tentando manter seus melhores trabalhadores, para uma nova retomada do crescimento da produção.

Contudo verificamos que a situação industrial não é muito animadora, durante o período em análise permaneceu o desemprego e a baixa produção. A introdução do Plano Real no início dos anos 90 contribuiu para amenizar o declínio da produção e do emprego, e até elevar a produtividade, mas este não reverteu tal situação; mas por se tratar de um Plano ainda recente, resta saber se nos anos seguintes ao da análise, este será ou não capaz de impulsionar o crescimento industrial, aumentando a produção e gerando novos empregos.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- BACELAR, Tânia - Industrialização no Nordeste: intenções e resultados. In Maranhão, 5. (org.) A questão Nordeste: estudo sobre formação histórica, desenvolvimento e processos políticos e ideológicos. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1984, p. 71-82.
- CARNEIRO, Dionísio D. Crise e esperança: 1974-1980. In: ABREU, Marcelo de P. (Org.). A Ordem do progresso: cem anos de política econômica republicana 1889-1989. Rio de Janeiro, Campus, 1992, p. 295-317.
- CORRÊA DO LAGO, Luiz A. A retomada do crescimento e as distorções do "milagre": 1967-1973. In: ABREU, Marcelo de P. (Org.). A Ordem do progresso: cem anos de política econômica republicana 1889-1984. Rio de Janeiro, Campus, 1992, p. 233-294.
- FIBGE. Censo Industrial de 1970, 1980 e 1985.
- FIBGE. Indicadores IBGE: pesquisa industrial mensal (emprego, salários e valor da produção industrial). Boletins Mensais dos anos de 1992, 1993 e 1994.
- FIEC/CNI. Indicadores Industriais - Boletins Mensais dos anos 1992, 1993 e 1994.
- IPLANCE. Análise conjuntural da indústria de transformação cearense em 1993. Fortaleza, Agosto, 1993.

MOTA, Raffaella M. D. D. L. A Política industrial da nova república e o novo paradigma tecnológica mundial. Fortaleza, UFC, 1994 (monografia de graduação).

SERRA, José. Ciclos e mudanças estruturais na economia brasileira do pós-guerra. In: BELLUZO, L.G. & COUTINHO, R.(eds.). Desenvolvimento capitalista no Brasil: ensaios sobre a crise. São Paulo, Brasiliense, 1981, p. 56-121.

SILVEIRA, José D. da, et alii. Estrutura industrial, emprego e produtividade na indústria de transformação cearense no período 60/80. Fortaleza, IPLANCE/CAEN, 1983.

SOARES, Francisco de A. & CARTAXO, Sandra M.S. Economia cearense: a indústria têxtil no contexto da indústria de transformação. Revista Econômica do Nordeste. Fortaleza, V.18 (nº 2) p. 243-262, Abril/Junho de 1987.

SUDENE/BNB. Relatório de pesquisa sobre o desempenho da indústria incentivada (1988). Recife, 1991.

TELES DA ROSA, Antônio L. Crescimento e mudança tecnológica: o caso da indústria cearense durante o período 1970-1980. In: MELO, Maria C. P. de (Org.). Modernização tecnologia e competitividade industrial. Fortaleza, UFC/CAEN, 1992, p. 85-113.

_____. Emprego, produtividade e jornada média de trabalho na indústria brasileira durante a primeira metade da década de 90. Anais do XXIII Encontro Nacional de Economia (ANPEC). Salvador, 1995(a).

_____. Fontes de variação da massa salarial e distribuição de renda no Brasil: uma análise regional (1985-1994). Anais do XXIII Encontro Nacional; de Economia (ANPEC). Salvador, 1995(b).

WOOD, Thomaz Jr. Fordismo, toyotismo e volvismo; os caminhos da indústria em busca do tempo perdido. Revista de Administração de Empresas. São Paulo, V.32 (n° 4) p. 6-18, Set/Out, 1992.